

SAMPAIO, Roberto Telles. À aniversaria nte. A Tribuna, Campinas, 13  
jul. 1997.

Pelo seu aniversário, Campinas, sou solicitado a ocupar o espaço em sua comemoração. Promovido a articulista por decreto ditatorial do dono, Paulo Pedroso, com a cumplicidade do não menos déspota Zaimam, já vinha revelando dificuldades para, semanalmente, dar o meu recado inosso. Agora, então, sem escolha, chego a me preocupar, sobretudo para não destoar da boa qualidade do jornal.

Esforcei-me, e muito, para não me incluir como personagem. Não consegui. Egocentrismo narcisista, orgulho indissimulado, ou vontade de me fundir com a cidade que tão generosamente me acolheu e até me adotou? Não sei.

Fiz minha carreira de juiz, pensando em chegar a Bauri ( só superada por Nova York, iluminada, em véspera de Natal e à noite !!). Promovido em 1972 para cá, logo um colega da "cidade sem limites" ofereceu-me permuta.

Antes da palavra definitiva, contudo, vim conhecer melhor a nova comarca. A Vara de Campinas era criminal e, ao tempo, acumulava a presidência do Tribunal do Júri e a Corregedoria dos Presídios e da Polícia Judiciária. Aquele, por muitos tido como instituição anacrônica, apesar do seu fundamento democrático, desde João Sem Terra, aqui tinha seus julgamentos realizados em amplo salão, porém sóbrio, como é próprio das coisas da Justiça, e contava com um Conselho de Jurados de representatividade da cidade.

Quanto à Corregedoria, mal tinha chegado, e o Delegado, Diretor do Presídio, Felix Vasconcellos, me enviara incisivo ofício, do qual extraio apenas esta parte: " A Cadeia Pública desta cidade, nada mais é do que uma masmorra infecta, fétida, onde se amontoam infelizes portadores das mais variadas e perigosas moléstias, na mais franca e despidorada promiscuidade. Tuberculosos, sífilíticos, portadores de moléstias venéreas e outras, constituem uma família comum, na maior intimidade. À simples aproximação, sente-se mal estar. Quadro dos mais dolorosos. Alguns tentam o suicídio e outros enlouquecem".

Fui visitar o depósito de presos, então na Avenida Andrade Neves, onde hoje funciona o 1º Distrito, e vi que o diretor não exagerara. Verdadeira enxovia, lúgubre, desumana. Seres humanos condenados a um tratamento de feras. Sem trabalho, na ociosidade, ocupando em grande número de celas de diminutas dimensões, eram aviltados até a brutalização mais hedionda, a confirmar a lembrança de Del Vecchio de que " a história das penas não é menos desonrosa para a huma-

nidade do que a dos crimes". Como em toda parte, a rotina da obtusa repressão continuava deitando sua mão de ferro apenas sobre os pequenos. Tormentos injustos internamente infligidos em nome da ordem, na desordem. A idéia da força prevalecendo sobre o ideal de justiça.

De certo modo acostumado às asperezas da vida, deparei-me, porém, em dilacerante sentimento de piedade, experimentando a sensação de que fora conduzido a esta cidade para realizar uma tarefa.

Não estou tentando desviar a atenção dos que então lembrando que foi deste solo querido que ecoou a voz de Campos Sales, o inigualável estadista da República, nem de que serviu de berço de Carlos Gomes, o gênio da música, nem que daqui se alteou a fala de César Bierrembach, o orador prodigioso, nem de que Campinas é a terra dadivosa de Guilherme de Almeida, o príncipe dos poetas, e de tantos vultos do passado que a enobrecem. Eles merecem ser lembrados sempre e desta coluna rendo as minhas homenagens.

O que estou tentando dizer é que não foi a Campinas encantada, das imponentes palmeiras imperiais, nem a grandeza, beleza e nobreza do pequeno vilarejo fundado por Barreto Leme, hoje verdadeira megalópolis, vibrante, plena de realizações, que me motivaram a aqui permanecer e radicar, sentindo hoje que pertenço a ela como se aqui tivera nascido.

Foram, ao contrário - por paradoxal que pareça - as misérias humanas que vi ao chegar, a Campinas que me transformaram num dos seus filhos. Outras e muitas mazelas surgiram depois e mais surgirão numa cidade que durante mais de década cresceu a taxas demográficas altíssimas e tendeu a perda de qualidade de vida de seus habitantes.

E quero lembrar de Campinas, no dia do seu aniversário, essa gente fraterna que, vencendo preconceitos e obscurantismos, sacudindo a modorra da rotina estioladora, com idealismo e generosidade escreveu e escreve páginas gloriosas de engrandecimento de sua gente. Porque é das pequenas grandes coisas no campo da solidariedade humana, mais do que pelas obras de cimento que as vezes nos asfixiam, que as sociedades se elevam a condição de comunidades evoluídas.

Feliz aniversário Campinas.

*Roberto Telles Sampaio é advogado, professor titular de Direito da Puccamp, juiz aposentado e ex-secretário municipal de Negócios Jurídicos*